



## CORPOS HACKEADES: SOBRE A POSSIBILIDADE DE CORPES TRANSCIBORGUES

*Lu Schneider Fortes*

Hackear vem da palavra em inglês *hack*, que significa cortar grosseiramente, e é bastante utilizado quando ocorre a quebra de segurança de um sistema ou programa por uma pessoa, chamada *hacker*. Há alguns anos, por fóruns da internet, encontrei um blog de <sup>2</sup> *ume* *biohacker* chamada Lepht Anonym, uma pessoa que se entende como “transhumanista, sem face e sem gênero” (ANONYM, s.d; ANONYM, 2011), e instalou em sue corpe diversas tecnologias, como chips subdermais. A partir de Lepht, comecei a procurar mais sobre *biohackers*, pessoas que trabalham com a ideia do DIY (*Do It Yourself* ou, traduzindo, faça você mesmo), misturando biologia com hackeamento. Essas pessoas fazem modificações corporais, como a implantação de chips e imãs no corpo para explorar os efeitos dessas tecnologias e aumentar as possibilidades de seus corpes, se reinventando como seres ciborgues.

Usando como referência os *hackers*, Preciado, em *Testojunkie* (2018), pensou na ideia de “*hackers*/piratas de gênero”, pessoas que usam o corpo como ferramenta, mudando a circulação de biocódigos normativos. Esses *hackers* de gênero, que em *Testojunkie* inclui Preciado e outras pessoas trans, se autodenominam assim, pois “consideram os hormônios sexuais como biocódigos livres e abertos, cujo uso não deve estar regulado nem pelo Estado nem confiscado pelas companhias farmacêuticas” (PRECIADO, 2018, p. 59). Ele argumenta sobre um “bioterrorismo de gênero”, o uso de estratégias micropolíticas que busquem pontos de fuga frente ao controle estatal de fluxos, como os hormônios. O seu hackeamento é pensado através do que ele chama de “intoxicação voluntária à base de testosterona”, em que defende ser sua própria cobaia na autoaplicação de Testogel, um tipo de testosterona em gel.

---

<sup>2</sup> Ao longo desse trabalho será usada linguagem neutra através da neutralização de substantivos, adjetivos e pronomes, evitando seu uso no masculino ou feminino, a fim de visibilizar pessoas trans não-binárias e intersexo. Aqui, por exemplo, ao invés do uso de um/uma, utilizo *ume*. Opto pela utilização de “e” e não “@” ou “x” por não ser pronunciável e também pela inacessibilidade, visto que leitores de tela utilizados por pessoas com deficiência visual não lêem “x” ou “@”. Para saber mais sobre linguagem neutra, consulte Cassiano (2019).



Preciado, ao trazer as *hackers* de gênero, fala sobre o uso dos hormônios sexuais enquanto algo que não deve ser regulado pelo Estado. No entanto, em um contexto brasileiro, ao pensar no uso dessas tecnologias, como a hormonização, como um hackeamento por pessoas trans, é necessário se perguntar (IAZZETTI, 2019): quem são as pessoas que acessam essas tecnologias? Apesar da garantia da hormonização, terapia hormonal ou hormonioterapia pelo Processo Transexualizador do Sistema Único de Saúde (SUS), junto à oferta de acompanhamento multidisciplinar e procedimentos cirúrgicos a pessoas trans e/ou travestis (BRASIL, 2008), muitas ainda se hormonizam sem esse tipo de acompanhamento (KRÜGER, 2018). Segundo dados de sua pesquisa sobre automedicação por mulheres trans e travestis, Krüger (2018) argumenta que isso ocorre, muitas vezes, devido à dificuldade de acesso aos serviços e pela falta de profissionais que prescrevam com segurança os medicamentos. Além disso, muitas pessoas trans e/ou travestis sofrem violência institucional dentro das unidades de saúde, por profissionais que desrespeitam, deslegitimam e patologizam suas identidades, além de violências que se interseccionam com a transfobia, como racismo<sup>3</sup>, gordofobia (MUJICA, 2019), capacitismo, entre outras. Isso gera inúmeros comprometimentos psíquicos, como a porcentagem de 85,7%<sup>4</sup> dos homens trans ou pessoas transmasculinas que já pensaram ou tentaram cometer suicídio (SOUZA, 2016). Pela hormonização não fazer parte da Rede Nacional de Medicamentos (RENAME), quase nenhum estado brasileiro oferece os hormônios de forma gratuita, ofertando somente a receita (MUJICA, 2019). Além disso, não são muitos os serviços que oferecem esse tipo de atendimento no Brasil, sendo a maior parte deles localizados na zona central das capitais e grandes cidades. Aqui trago como exemplo a hormonização, mas, dentro do cuidado em saúde, é fundamental reforçar que pessoas trans e/ou travestis têm diferentes demandas, acessando diversas redes de atendimento dentro e fora do SUS (MUJICA, 2019). Logo, os atendimentos em saúde à população trans e/ou travesti não podem ser pensados apenas tendo como porta de entrada o “Processo Transexualizador”, pois a saúde precisa ser olhada enquanto um aspecto biopsicossocial amplo e universalizante e não segregacionista e biologizante (MUJICA, 2019). O hackeamento por pessoas trans

---

<sup>3</sup> Isso pode ser observado, por exemplo, no relato de mulheres autodeclaradas pretas sobre terem recebido menos orientações sobre o uso de hormônios (KRÜGER, 2018).

<sup>4</sup> Trago esse dado como uma forma de trazer visibilidade à população transmasculina, que sofre um apagamento histórico de suas identidades. Um exemplo recente disso foi a participação de pessoas transmasculinas por apenas dois minutos em uma transmissão online de dez horas na 25 Parada do Orgulho LGBT+ de São Paulo (IBRAT e CAT, 2021).



não é ocorre apenas por disposições individuais ou de coletividades localizadas, mas também tem uma dimensão geopolítica, estando em constante disputa com enquadramentos institucionais, disposições sociais, de classe e de acesso.

A figura do ciborgue vem com o desenvolvimento da cibernética, passando a ser usualmente definido como um organismo que combina partes orgânicas (*organism*) e cibernéticas (*cyber*), a fim de melhorar seu desempenho e atividades. O uso dessa figura no meio acadêmico ganhou força após a publicação do Manifesto Ciborgue, em 1985, por Donna Haraway, que utilizou o ciborgue para pensar as fronteiras entre dicotomias como máquina/humano, natureza/cultura, humano/não-humano, homem/mulher. No Manifesto Ciborgue (HARAWAY, 2009), as tecnologias ciborguianas foram definidas como restauradoras, normalizadoras, reconfiguradoras e melhoradoras. Essas tecnologias, que podem funcionar como ferramentas de hackeamento (PRECIADO, 2018), são vistas por toda a parte: vacinas, fármacos, anabolizantes, LSD, inseminação artificial, tinta de cabelo, óculos, aparelho ortodôntico, tatuagem, celular, fone de ouvido, bicicleta, o uso de hormônios contraceptivos por mulheres cis ou de testosterona por homens cis. Em relação a esses últimos, penso, como exemplo da ação dos *hackers* de gênero, de hackeamento, o uso de hormônios por pessoas trans. Penso nisso não enquanto uma busca por uma masculinidade/feminilidade cisgênera, como ocorre com homens cis que usam testosterona para aumentar a libido ou hipertrofiar a musculatura, mas como um rompimento e alteração na circulação desses códigos, uma estratégia de (bio)hackear o corpo, ao encontro de uma corpe ciborgue. No entanto, não é a única tecnologia ciborguiana que é utilizada por pessoas trans transmasculinas e/ou não binárias: as cirurgias estéticas e de redesignação sexual, o uso de binder<sup>5</sup>, o pump<sup>6</sup>, o uso de Minoxidil<sup>7</sup>, são alguns outros exemplos que penso<sup>8</sup>. Logo, trago aqui o uso dessas biotecnologias e a figura ciborgue, criatura de um mundo “pós-gênero”

---

<sup>5</sup> Faixa que comprime os seios, a fim de reduzir ou “esconder”.

<sup>6</sup> Aparelho de sucção que deixa o clitóris com uma aparência maior (apesar de existir uma ideia de que o pump aumentaria o clitóris ele apenas incha, em função da sucção).

<sup>7</sup> Substância utilizada para o crescimento de pêlos, como bigode e barba.

<sup>8</sup> O uso ou não dessas (bio)tecnologias não deve servir como uma forma de hierarquizar vivências trans (MUJICA, 2019). Utilizá-las não deve ser uma imposição ou validação de uma “transgeneridade verdadeira”, ou como uma forma de assumir que essas pessoas fazem isso por necessariamente buscar passabilidade ou identificação com o gênero oposto ao designado no nascimento.



(HARAWAY, 2009), para pensar a binariedade de gênero, usando e ciborgue como uma possibilidade<sup>9</sup> de reivindicação identitária por pessoas trans.

Jup do Bairro, em entrevista sobre seu EP “Corpo Sem Juízo” (TOLLENTINO, 2020), falou sobre hackear para se sentir pertencente a outros espaços que não são pensados para certos corpos, mas, mais importante ainda, criar novos espaços:

O que a gente tem criado é uma maneira de hackear, pra que outras como eu sintam-se pertencentes a outros espaços. É importante que pessoas como eu esteja nesses espaços, mas é mais importante ainda criar um novo mercado (JUP DO BAIRRO, 2020).

Esses processos de hackear e criar algo novo fazem parte também do estabelecimento de lugares de potência para corpos dissidentes, corpos trans. Hackear é encontrar falhas nos (c)istemas para invadi-los. Dessa forma, trago o hackeamento transciborgue enquanto um caminho potente de rompimento com essas (cis)normas para a criação de novas possibilidades. Corpos dissidentes desafiam e transgridem a norma, incomodando porque “põem em evidência a fragilidade da heterocis-norma e da corpo-normatividade imperante, na sua necessidade de repetição para ser entendida como natural e dada” (MUJICA, 2019, p. 36). A identidade ciborgue pode vir como uma quebra com a binariedade, com a heterocisnorma, como um desorganizar as fronteiras, desmontando antigas e novas dicotomias de gênero (HARAWAY, 2009). Haraway (2009) pensou as unidades ciborguianas como “monstruosas e ilegítimas”, como “mitos potentes de resistência e reacoplamento” (p. 47). Então, já que a não-binariedade é continuamente colocada pela (cis)norma e pela binariedade nesse local mítico, ilegítimo, por que não se apropriar disso? Reivindicar a identidade ciborgue sem gênero, ciborgue não-binária, pode ser uma forma de habitar as fronteiras da cisgeneridade e transgeneridade binárias. É lidar com um entre que escapa das distinções comuns de homem/mulher, masculino/feminino, humano/máquina, natureza/cultura (GAVÉRIO E LOURENÇÃO, 2020). Logo, nos reivindicarmos ciborgues pode colocar nossa existência em perspectiva, olhando para como ela é atravessada pelas técnicas, ciências,

---

<sup>9</sup> Autoras como Ávila (2015), Sandoval (1999) e Ramírez (2002) trazem analogias bastante interessantes da identidade ciborgue e a nova mestiça de Gloria Anzaldúa (1987), mulher chicana (sobre)vivente num contexto de fronteira México-Estados Unidos; assim como Gavério (2020), sobre corpos com deficiência e corpos ciborgue. No entanto, trago essa identidade enquanto **possibilidade** a fim de evitar cair na homogeneização identitária de afirmações como a de que “seríamos todes ciborgues” (inicialmente sustentada e, após, retratada por Haraway), que pode carregar problemáticas como a associação entre pessoas racializadas, trans e/ou travestis, gordas, com deficiência e “a monstruosidade do ciborgue” de Haraway (2009) (SCHUELLER, 2005).



medicinas (GAVÉRIO E LOURENÇÃO, 2020) e encontrar, de alguma forma, um entre-espaço de subversão na (re)tomada dessa identidade.

### Referências Bibliográficas

ANONYM, Lepht. **Cybernetic for the Masses**. Youtube, 2011. Postado por Barry J Belmont. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=a-Dv6dDtdcs>>. Acesso em: 10 de Agosto de 2021.

ANONYM, Lepht. **Sapiens Anonym**. Página inicial. Sem data. Disponível em: <https://sapiensanonym.blogspot.com/>. Acesso em: 10 de Agosto de 2021.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

ÁVILA, Eliana. Do high-tech à azteca: descolonização cronoqueer na ciberarte chicana. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n.1, p. 191-206, 2015.

BRASIL. **Portaria nº 1.707**, de 18 de agosto de 2008. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), o Processo Transsexualizador, a ser implantado nas 50 unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. Diário Oficial da União, Brasília, 2008.

CASSIANO, Ophelia. Guia para “Linguagem Neutra” (PT-BR): “Porque elus existem e você precisa saber!”. **Medium**, 30 de Setembro de 2019. Disponível em: <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>.

GAVÉRIO, Marco Antonio; LOURENÇÃO, Gil Vicente Nagai. Multiplicidades-ciborgue, reabilitações e reflexões sobre o corpo: uma conversa entre dois cientistas. **Revista Teoria e Cultura**, Dossiê Saúde, Juiz de Fora: v. 15, n. 1, 2020.

HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In: Tadeu, T. (Org.), Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.



IAZZETTI, Brume. **‘Cistema’, ‘corpo’ e ‘diferença’ no choque de ‘realidades’ de pessoas trans dentro e fora da universidade.** In: **Jornadas de Antropologia John Monteiro**, 2019, Campinas. Resumos.

Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT); Coletivo de Artistas Transmasculines (CAT). Por mais representatividade transmasculina na parada LGBTQIA+ de São Paulo! **change.org**, Junho de 2021. Disponível em: <[https://www.change.org/p/paradasp-por-mais-representatividade-transmasculina-na-parada-lgbtqia-de-s%C3%A3o-paulo?utm\\_source=share\\_petition&utm\\_medium=custom\\_url&recruited\\_by\\_id=57df9a50-6e46-11eb-b0a6-a3316d4be066](https://www.change.org/p/paradasp-por-mais-representatividade-transmasculina-na-parada-lgbtqia-de-s%C3%A3o-paulo?utm_source=share_petition&utm_medium=custom_url&recruited_by_id=57df9a50-6e46-11eb-b0a6-a3316d4be066)>. Acesso em: 27 de Junho de 2021.

KRÜGER, Alícia. **Aviões do Cerrado: uso de hormônios por travestis e mulheres transexuais do Distrito Federal Brasileiro.** 2018. 114. Tese (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade Brasília, Brasília, 2018.

MUJICA, Alê. **Cartografias de cuidados à saúde trans na Atenção Primária do município de Florianópolis.** 2019. 146. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

PRECIADO, Paul B. **TESTOJUNKIE: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.** Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RAMÍREZ, Catherine. **Cyborg Feminism: The Science Fiction of Octavia E. Butler and Gloria Anzaldúa.** In: FLANAGAN, Mary; BOOTH, Austin. *Reload: Rethinking Women + Cyberculture.* Boston: Massachusetts Institute of Technology, p. 372-402, 2002.

SANDOVAL, Chela. **Women Prefer a Choice.** In: WOLMARK, Jenny (Ed.). *Cybersexualities.* Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

SCHUELLER, Malini Johar. *Analogy and (White) Feminist Theory: Thinking Race and the Color of the Cyborg Body.* **Signs: Journal of Women and Society**, Boston: v. 31, n. 1, p. 63–92, 2005.



SOUZA, Érica. **Projeto transexualidades e saúde pública no Brasil: entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans**. Relatório online do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT. 2016.

TOLLENTINO, Alan. Jup do Bairro fala ao PP sobre novo EP: “não estou levantando exclamações, e sim interrogações”. **Papel Pop**, 14 de Junho de 2020. Música. Disponível em: <<https://www.papelpop.com/2020/06/jup-do-bairro-fala-ao-pp-sobre-novo-ep-nao-estou-levantando-exclamacoes-e-sim-interrogacoes/>>.